

**ABORDAGENS MORFOLÓGICA E METODOLÓGICA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE
ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO**

EVANGELINA DA SILVA SOUSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)
evangelinasousa@gmail.com

MANUEL SALGUEIRO RODRIGUES JÚNIOR
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)
msrodriguesjr@gmail.com

ANTONIO CARLOS COELHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)
accoelho47@gmail.com

ABORDAGENS MORFOLÓGICA E METODOLÓGICA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Considerando que epistemologia exerce função de vigilância crítica nas pesquisas de cunho científico e que a análise epistemológica se debruça sobre o processo adotado pelos autores e busca identificar os elementos que caracterizam sua origem e seu progresso, partindo da compreensão e estruturação do objeto estudado (LADRIÈRE, 1991), faz-se necessário estimular reflexões críticas sobre a produção acadêmica, posto que Bertero, Caldas e Wood Jr (1999, p. 148) admitem que a pesquisa em administração é “periférica, epistemologicamente falha, metodologicamente deficiente, sem originalidade e prática, em grande escala, mimetismo mal informado”.

Tal contexto pode estimular a utilização da análise epistemológica nas pesquisas desenvolvidas nas ciências sociais aplicadas, por meio da adoção de modelos teóricos para estudos epistemológicos no processo de avaliação das pesquisas científicas, como o desenvolvido por Bruyne, Herman e Schoutheete em 1977, que considera o espaço metodológico sob quatro abordagens (epistemológica, teórica, morfológica e técnica), posteriormente adaptado por Gamboa (1987), Martins (1994) e Théophilo (2004), no sentido de examinar tendências da produção científica especificamente em administração e contabilidade.

Nesse sentido, a pesquisa aborda, epistemologicamente, a produção científica sobre ensino e pesquisa no Brasil. Cardoso et al (2005) declararam que o mapeamento de pesquisas publicadas no meio acadêmico possibilita apreciação e reflexão de tais trabalhos e da área em estudo, proporcionando identificar parâmetros, inclinações e vieses em cada campo.

Para tanto, foram realizados levantamento e caracterização da abordagem morfológica/metodológica em congressos com áreas dedicadas àquela linha de pesquisa. Ensino e pesquisa foi escolhida por se entender que esta temática ganha espaço em estudos administrativos, além do fato de que esse eixo tende a impulsionar estudos futuros.

Embora análise epistemológica envolvendo a abordagem morfológica/metodológica em administração, no Brasil, seja incipiente, pesquisa relacionada a tal abordagem foi apresentada por Coelho, Soutes e Martins (2010) sugerindo expansão de debates sobre pesquisa em contabilidade envolvendo o público acadêmico e profissional, além de indicar peculiaridades entre a pesquisa científica, metodologicamente construída, e a construção de modelos e técnicas contábeis aplicáveis.

A pesquisa alinha-se com tal iniciativa, e busca analisar, epistemologicamente, a abordagem morfológica/metodológica da produção científica que enfoca ensino e pesquisa em administração nos trabalhos apresentados no Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ) e nos Seminários em Administração (SEMEAD).

Optou-se por realizar a análise em eventos científicos, posto que são canais de comunicação que propiciam exposição e discussão dos trabalhos envolvendo procedimentos de avaliação, permitindo *feedback* imediato entre participantes de forma a aperfeiçoar os trabalhos apresentados (CAMPELLO, 2000), e por considerar o EnEPQ e o SEMEAD como eventos de amplitude e cenário para disseminação da pesquisa brasileira em administração.

O EnEPQ é evento científico que ocorre a cada dois anos, e sua primeira edição aconteceu em 2007. Visa fomentar a discussão sobre Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade no Brasil e é promovido pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD). O SEMEAD, fomentado pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP), é evento abrangente, que ocorre anualmente desde 1996 e que passou a dedicar espaço para debate do tema Ensino e Pesquisa

em Administração a partir de 2012.

Questiona-se, em decorrência, a estrutura de análise epistemológica desenvolvida para as ciências sociais, examinando, especificamente, abordagem morfológica/metodológica da produção científica brasileira em Administração, considerando que este aspecto do trabalho científico indica o modo utilizado por pesquisadores das ciências sociais, para se aproximar e explicar a realidade alusiva ao objeto de pesquisa (COELHO, SOUTES; MARTINS, 2010).

A pesquisa se desenvolve seguindo o esquema seguinte: a) classificar os trabalhos segundo características fundamentais e quadros de abordagem morfológica; b) identificar a abordagem metodológica observada em cada pesquisa; c) estabelecer comparações da abordagem metodológica pelas áreas de ensino e de pesquisa; d) comparar os tipos de abordagem metodológica entre instituições de ensino; e) confrontar os tipos de abordagem metodológica com os identificados em estudos anteriores.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O entendimento de abordagem morfológica, componente do modelo quadripolar de Bruyne, Herman e Schoutheete (1991), devido à sua complexidade, recebeu, no seguimento, tratamento de abordagem metodológica em Gamboa (1987), também aceita e difundida por Martins e Theóphilo (2007). Aprofunda-se a temática expondo-se tais conceitos e suas semelhanças, em torno da abordagem do objeto de estudo em ciências sociais.

2.1 Abordagem morfológica

Bruyne, Herman e Schoutheete (1991) consideram que a geração do conhecimento científico se processa por meio de modelo quadripolar, composto pelos níveis epistemológico, teórico, morfológico e técnico. Estas abordagens são aspectos particulares no processo de produção de conhecimento, e o espaço científico torna-se campo dinâmico, sujeito à articulação de diferentes esferas, no contexto dos estudos sociais.

O polo morfológico corresponde ao espaço de organização dos fenômenos, formas de articulação do sentido, estruturação da teoria e da problemática da pesquisa. É o lugar de objetivação da problemática, uma vez que problemas referentes à orientação e da natureza da pesquisa relacionam-se a este polo, e exigem tratamento metodológico específico (BRUYNE, HERMAN; SCHOUTHEETE, 1991).

Para Botelho (2012), o polo morfológico reúne elementos determinantes do objeto do conhecimento, ordenando-os de maneira que tenham, mutuamente, uma lógica explicativa e compreensiva. Assim, o objeto científico assume uma forma própria - um sistema, em que a interação entre os elementos forma uma totalidade.

Segundo Bruyne, Herman; Schoutheete (1991) a definição do objeto do conhecimento em pesquisa científica se apoia em três características fundamentais e indissociáveis, quais sejam: exposição, causação e objetivação; tal procedimento se efetiva por quatro quadros de análise que desempenham funções metodológicas, denominados de: tipologia, tipo ideal, sistema e estrutura-modelo.

2.1.1 Exposição

A exposição em trabalho científico consiste na exibição de conceitos e no relacionamento entre teorias e a problemática da pesquisa com a finalidade de se conferir à pesquisa rigor metodológico. A articulação do sentido é conferida pelo estilo do pesquisador em expor resultados, cujo modo de expressão é análogo ao modo de reflexão e prática metodológica, e cada estilo é associado com diferentes elementos da pesquisa, culminando na exteriorização da estruturação das teorias, conceitos, desenvolvimento e dos resultados da pesquisa (BRUYNE, HERMAN; SCHOUTHEETE, 1991).

Botelho (2012) ressalta que à exposição compete a prova do rigor e da coerência interna, envolvendo semântica, sintática, pragmática e estilo do pesquisador, acerca do objeto científico.

2.1.2 Causação

No que tange à causação, Bruyne, Herman; Schoutheete (1991) a consideram como o procedimento que permite se alguma situação acontece sob circunstâncias teóricas determinadas. A causalidade pode ser explicativa ou compreensiva e sua distinção deve ser feita de forma crítica. A explicativa examina a causalidade externa e, para tanto, se adota modelo fisicalista entre elementos, ocasionado pela adoção de modelo funcionalista de elucidação, na qual a finalidade é buscar causa determinante. Já a compreensiva implica em examinar causalidade interna, referindo-se à significação dos fenômenos, na qual o todo predomina sobre as partes.

2.1.3 Objetivação

Já a objetivação, segundo Demo (1995), é a tentativa metodológica de fidelidade à realidade e pode se manter como ideal científico, pois propõe uma discussão crítica sobre o objeto.

Santos (2012) esclarece que no conceito de objetivação há uma desconstrução do ideário de natureza absoluta, uma vez que os fenômenos são complexos. Segundo o autor, o reconhecimento do objeto resulta em saber transitório, contrário às certezas asseguradas pela objetividade (característica do conhecimento sobre a realidade que se consubstancia com a própria realidade), posto que o conhecimento é instituído pelo modelo teórico e pelo emprego de técnica.

Bruyne, Herman e Schoutheete (1991) acrescentam que a objetivação evidencia a especificação de rede de relações, implicando em analogia que valida a estruturação da problemática, sob a perspectiva configurativa ou arquitetônica, objetivando cópia do real ou simulacro da problemática.

2.1.4 Tipologia

Bertero (1981) retrata que o uso de tipologias desempenhou papel crucial no estudo comparativo de organizações, e consiste na forma que o pesquisador propõe para delinear e organizar o conhecimento, além de ser instrumento de agrupamento de dados empíricos coletados, sendo esta função de agregação, fundamental à construção científica.

Segundo Botelho (2012), a tipologia representa quadro de análise de discriminação e de agrupamento de variáveis em unidade de atributos e contribui para a construção de quadro conceitual descritivo. O quadro tipológico concebe o discurso científico, pois permite associar fenômenos em categorias lógicas segundo critérios de natureza conceitual, formal ou sinalética (BRUYNE, HERMAN; SCHOUTHEETE, 1991).

2.1.5 Tipo ideal

O tipo ideal, segundo Weber (1991), reporta-se à construção parcial da realidade sob concepção logicamente controlada, por meio da articulação de fenômenos isolados. O quadro de análise utilizando tipo ideal objetiva tornar inteligível, sob o ponto de vista científico, as determinações de fenômeno social, além de elaborar conceito individual para cada fenômeno, evidenciando características típicas de cada acontecimento (BRUYNE, HERMAN; SCHOUTHEETE, 1991).

A construção de tipo ideal é artifício para entendimento das ações, sendo, portanto, construção mental (VIEIRA; CARRIERI; 2001). O tipo ideal é um modelo, um meio para

conhecer e analisar a realidade, permitindo ao pesquisador aproximação do objeto a ser estudado. Em complemento, Botelho (2012, p. 73) assegura que o tipo ideal é constituído pelo pesquisador e este, “busca, por meio do tipo ideal elaborado, avaliar a realidade, situação concreta da pesquisa (tipo real)”.

2.1.6 Sistema

A palavra sistema refere-se a “qualquer totalidade ou todo organizado” (Abbagnano, 1998, p. 909) ou a “conjunto de pensamentos, teses ou doutrinas, desenvolvidas articuladamente e formando uma unidade teórica” (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, p. 176).

Este quadro de análise envolve a perspectiva sistêmica, na qual um modelo possa ser constituído de forma que seu funcionamento explique todos os fatos observados (DEMO, 1995). Admite, como problemática de pesquisa, o predomínio do todo sobre as partes, expondo o objeto de forma coesa em uma rede de relações, beneficiando seus aspectos estruturais e apreendendo-os por meio de seus elementos constitutivos e suas relações mútuas (BRUYNE, HERMAN; SCHOUTHEETE, 1991).

2.1.7 Estrutura-modelo

Um dos atributos primordiais do discurso científico, segundo Martins e Theóphilo (2007), é o rigor da linguagem e a utilização de modelos. Para os autores, a palavra “modelo” é polissêmica e sua utilização em contextos diversos gera ambiguidades.

Segundo Japiassu e Marcondes (2001), o termo modelo é derivado do latim vulgar *modulus*, o qual é diminutivo de *modus*, e significa medida. Tal quadro de análise consiste no “modo de explicação, construção teórica, idealizada, hipotética que serve para a análise ou avaliação de uma realidade concreta” (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, p.132).

O modelo, por sua vez “é uma das espécies fundamentais de conceitos científicos, mais precisamente o que consiste na disposição caracterizada pela *ordem* dos elementos de que se compõe, e não pela natureza desses elementos” (ABBAGNANO, 1998, p.678). Pressupõe-se que o modelo é instrumento utilizado para representar e explicar fenômenos de forma isolada, sendo adequado para determinadas situações.

Para Bruyne, Herman e Schoutheete (1991), a abordagem morfológica da pesquisa científica pode utilizar o estruturalismo por meio de modelos. O estruturalismo é um método analítico comparativo e considera os elementos com referência a uma totalidade, considerando o seu valor de posição (MOTTA, 1970).

Como as pesquisas estruturais utilizam modelos como instrumento de apoio para estudar as relações sociais, é importante conceber o conceito de estrutura, como uma totalidade formada por elementos solidários, interdependentes, sendo determinada pela relação entre tais elementos (THIRY-CHERQUES, 2006). O termo estrutura equivale a “construção teórica formal, modelo, visando estabelecer correlações entre variáveis de um sistema” (Japiassu e Marcondes 2001, p. 68), sendo utilizado como “sinônimo de *sistema*, como conjunto ou totalidade de relações” (ABBAGNANO, 1998, p.376). Percebe-se que os três autores relacionam o termo “estrutura” a “sistema”, atribuindo à estrutura a interligação dos elementos que a compõem.

Bruyne, Herman e Schoutheete (1991) salientam que para obter a nomenclatura estrutura, os modelos devem atender a quatro condições: oferecer caráter sistêmico, pertencer a um grupo de transformações que constitui uma estrutura; proporcionar possibilidades de prever de que forma o modelo reagirá em caso de alteração de algum de seus elementos e esclarecer os fatos observados por meio de seu funcionamento. Dessa forma, entende-se que este quadro de análise representa conjunto de modelos construído para representar uma

realidade concreta.

2.2 Abordagem metodológica

Gamboa (1987) evidencia a relevância da análise científica a partir da articulação do nível metodológico, posto que este é elemento imprescindível a toda pesquisa científica e devido à existência de diversas opções técnicas e metodológicas, a problemática sobre os métodos e as epistemologias implícitas em tais métodos necessita de classificação.

Considerando que diversas formas de concepção da realidade determinam abordagens plurais, optou-se por se apresentar a abordagem metodológica, por meio de abordagens relativas às formas de apreensão do objeto de estudo: o empirismo, o positivismo, a fenomenologia, a dialética, a abordagem sistêmica e o estruturalismo, a fim de ampliar a visão sobre a prática científica (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

2.2.1 Empirismo

A indução empírica foi consagrada pela escola inglesa, formada por Francis Bacon (1561-1626), John Locke (1632-1704), David Hume (1711-1776) e Stuart Mill (1806-1873), como parâmetro de distinção entre a ciência e a não ciência, adotando o princípio da verificação, considerando como verdadeiro o que é empiricamente verificável (DEMO, 1995).

Como a busca científica submete-se ao controle e ao teste experimental, a observação se tornou um meio de verificabilidade, garantindo, assim, a cientificidade do empirismo, construindo relação mais perceptível entre ciência e realidade (DEMO, 1995).

Esta abordagem legitimou a observação empírica, o teste experimental e a mensuração quantitativa como critérios de cientificidade, limitando o conhecimento científico às experiências sensoriais (MARTINS; THEÓPHILO, 2007). No campo das ciências sociais, os empiristas buscavam aplicar os mesmos métodos utilizados nos laboratórios, a fim de que a racionalidade científica nas pesquisas sociais transcendesse a subjetividade.

2.2.2 Positivismo

O positivismo foi fundado por Augusto Comte (1798-1857) e tem suas raízes no empirismo; no entanto é abordagem metodológica muito mais complexa. No positivismo lógico, a realidade é concebida como formada por partes isoladas, e os fenômenos são estudados de forma desvinculada de uma dinâmica ampla, buscando relações simples, sem aprofundamento nas causas, recorrendo ao uso intenso de quantificação e do conceito de variável, para medir as relações entre os fenômenos, testar hipóteses e estabelecer generalizações (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

O legado positivista admite que a realidade é única, portanto, o método deve ser único. Utilizam-se a lógica formal, como arcabouço uno aplicável a toda construção científica, pois buscavam o amadurecimento da ciência visando obter resultados mais contundentes ao estilo das ciências naturais (DEMO, 1995).

O positivismo avalia a pesquisa pura, desprendida dos interesses pessoais e sociais a fim de descobrir as leis da realidade, sendo esta reduzida, pois se considerava real apenas o que estava contido no método (DEMO, 1995). Assim, o positivismo buscava explicações de fatos observados, por meio da redução da realidade social, aplicando métodos empíricos verificáveis, alicerçados pelo discurso científico.

2.2.3 Fenomenologia

De acordo com Japiassu e Marcondes (2001), o termo fenomenologia foi criado por Johann Heinrich Lambert (1728-1777), qualificando tipo de estudo puramente descritivo do

fenômeno tal qual este se apresenta à nossa experiência.

A escola fenomenológica foi criada entre o final do século XIX e início do século XX, tendo como percussor Franz Brentano; no entanto, Husserl (1859-1938) foi considerado o fundador da fenomenologia (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

“O objeto de estudo é o fenômeno, o instrumento é a intuição e o objetivo é entender a relação entre o fenômeno e sua essência. Ou seja, busca o entendimento da essência dos fenômenos” (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p.44). Nesta abordagem não há uma separação entre o sujeito e o objeto, uma vez que o conhecimento é apreendido por meio das experiências passadas do sujeito.

Demo (1995) destaca que a fenomenologia respeita a realidade social, e evidencia que ao compreendê-la em seu âmago, não é possível utilizar métodos científicos, pois estes empobrecem a realidade assimilada, haja vista que a subjetividade da realidade social não pode ser captada por metodologias.

2.2.4 Crítico-Dialética

Segundo Japiassu e Marcondes (2001), a palavra dialética é de origem grega e significa discussão. É utilizada para demonstrar racionalidade aos modos de explicação e de demonstração confusos.

Demo (1995, p. 88) considera a dialética como “a metodologia mais conveniente para a realidade social, ao ponto de a tomarmos como postura metodológica específica para essa realidade no sentido em que não se aplica à realidade natural [...]”, ou seja, a abordagem dialética vincula-se à realidade em transformação.

A abordagem dialética propõe o rompimento com o modo de pensar dominante, e a prática é expressa pela união indissolúvel entre teoria e ação, e a reflexão teórica é proporcionada em função da ação (THEÓPHILO, 2004).

2.2.5 Sistêmica

A abordagem sistêmica originou-se da teoria geral dos sistemas proposta por Ludwig von Bertalanffy (1901-1972), que concebeu o modelo de sistema aberto, como um complexo de elementos em constante interação com o ambiente. O objeto de estudo é analisado com ênfase nos aspectos estruturais e nas relações de seus elementos constitutivos (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

Bertalanffy baseou-se na constatação de que diversos ramos do conhecimento são componentes de sistema mais amplo, e que podem ser explicados, parcialmente, por meio de regras aplicáveis a todos; assim, foi criada tendência para integrar as ciências naturais e sociais, tentando aproximá-las do objetivo da unidade da ciência (MOTTA; VASCONCELOS, 2010).

2.2.6 Estruturalismo

A abordagem estruturalista surgiu no início do século XX, e assim como o positivismo e a abordagem sistêmica, buscou aplicar a mesma postura metodológica às realidades social e natural, conferindo um caráter formal à ciência (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

Segundo Demo (1995), o estruturalismo prioriza o aspecto relacional, pois o cerne da pesquisa é constituído pelas relações que intercorrem entre os elementos. A partir da relação entre os elementos é possível analisar a sociedade em função dos sistemas de relação que as define.

A abordagem estruturalista objetiva descobrir a estrutura do fenômeno, adentrar em sua essência, para identificar suas ligações determinantes. No entanto, é necessário definir os limites da estrutura, reconhecer seus elementos e identificar seu ordenamento, para que a

estrutura e a realidade possam ser questionadas. A estrutura pretendida pela pesquisa é alcançada por meio da criação de modelos que devem: a) oferecer características de sistema; b) pertencer a um grupo de transformações; c) ser possível de prever reações do modelo mediante alterações nos seus elementos; e d) explicar todos os casos observados em relação aos seus elementos. (MARTINS; THEÓPHILO, 2007). O modelo construído pelo pesquisador é simplificação da realidade que visa explicar o maior número possível de aspectos do fenômeno.

3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Foram selecionadas 118 pesquisas apresentadas no EnEPQ e no SEMEAD (área Ensino e Pesquisa em Administração) realizados em 2015, extraídos de artigos disponíveis nos respectivos *sites*. Cada trabalho foi lido e analisado buscando-se identificar características manifestas e latentes da abordagem morfológica e metodológica, empreendidas ao longo do texto. As caracterizações inicialmente divergentes foram analisadas e reclassificadas, conforme consenso dos pesquisadores.

Os temas de interesse que compõem a amostra são: Epistemologia, Administração e Contabilidade; Conduta Ética e Responsável no Ensino e na Pesquisa; Estudos Históricos, Reflexivos ou Críticos sobre as Áreas de Administração e Contabilidade; Estratégias e Métodos de Pesquisa Quantitativos e Qualitativos; Métodos e Técnicas de Pesquisa; Formação do Professor e do Pesquisador; Educação para a Sustentabilidade na Administração e Contabilidade; Aprendizagem e Formação Acadêmica; Ação Docente e Ambiente de Aprendizagem; O Contexto Institucional do Ensino e da Pesquisa; Novas Tecnologias de Ensino e Pesquisa e Planejamento e Organização de Cursos e Programas.

Para os procedimentos de coleta e análise utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, envolvendo três etapas distintas: 1) análise prévia; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Na análise prévia, buscou-se coordenar as ideias iniciais colocadas pelo suporte teórico e estabelecer parâmetros para a interpretação das informações coletadas, por meio da leitura flutuante dos artigos que compõem a amostra. Em relação à exploração do material, os textos foram organizados em unidades de registro e as informações foram agrupadas e classificadas em categorias. Já na terceira etapa que compreendeu o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, buscou-se analisar o conteúdo manifesto e latente contido no material coletado.

A técnica de análise de conteúdo utilizada foi a de categorização (MINAYO, 2012; BARDIN, 2011), realizada previamente a partir do modelo quadripolar de Bruyne, Herman e Schoutheete (1991), envolvendo a abordagem morfológica e a abordagem metodológica, considerando o modelo paradigmático de Martins e Theóphilo (2007).

Buscou-se com essa categorização, obter objetivação durante a pesquisa e homogeneidade de análise, a fim de que todo o material pudesse ser focado pelos mesmos critérios. Foram estabelecidos padrões de análise para cada categoria, configurados mediante a existência de particularidades indissociáveis que evidenciam a função de cada tópico das abordagens examinadas – morfológica e metodológica – a fim de conferir validade interna à pesquisa.

No quadro 1 se expõem as categorias morfológicas fundamentais e os parâmetros de análise tratados na abordagem morfológica utilizados na pesquisa.

Quadro 1 - Identificação de características morfológicas fundamentais

Categoria	Parâmetro de análise
Exposição	Considerou-se atendido na medida em que o objeto de pesquisa estava relacionado a modelos ou teorias.
Causação	Julgou-se atendido na medida em que se percebeu relação de causa e efeito entre os fenômenos analisados, considerando-se ligação e não apenas relação entre fatos, variáveis e proposições; identificação de causalidade explicativa ou compreensiva também contribuiu para definir a característica.
Objetivação	Considerou-se atendido mediante apresentação de achados, por meio de alinhamento entre resultados e problemática, de maneira objetiva.

Fonte: Adaptado de Bruyne, Herman e Schoutheete (1991).

O quadro 2 evidencia os quadros de análise e os parâmetros de análise relacionados à abordagem morfológica.

Quadro 2 - Identificação de quadros de análise

Categoria	Parâmetro de análise
Tipologia	Adotada quando se verificou ordenação, classificação e criação de tipos em unidades de atributos.
Tipo Ideal	Adotada quando se constatou adoção de modelo como parâmetro a ser atingido.
Sistema	Adotada quando se utilizou conjunto de pensamentos, teses ou doutrinas, desenvolvidos articuladamente para abordar a problemática.
Estrutura-modelo	Adotada quando se explicou a realidade por meio da construção de modelos com estruturas.

Fonte: Adaptado de Bruyne, Herman e Schoutheete (1991).

No quadro 3 se exibem as categorias e os parâmetros de análise referentes à designação do tipo de abordagem metodológica dominante aplicada à pesquisa.

Quadro 3 - Identificação de abordagens metodológicas

Categoria	Parâmetro de análise
Empirista	Foram enquadrados nesta categoria pesquisas que não apresentaram teorias e/ou modelos, apenas conceitos e análise empírica.
Positivista	Compreendeu pesquisas com suporte teórico para sustentar hipóteses, utilizando-se de métodos quantitativos para testar hipóteses e estabelecer generalizações.
Sistêmica	Enquadraram-se pesquisas que se utilizaram de concepções elaboradas nos diversos domínios da ciência articuladas de forma a responder à problemática estudada
Fenomenológica	Foram enquadrados nesta categoria pesquisas cuja fonte de dados advém de experiência vivida pelo sujeito da pesquisa.
Crítico-dialética	Compreendeu pesquisas nos quais foi observada a exposição de ideias contrárias buscando desvendar conflitos entre agentes e interesses.
Estruturalista	Foram classificados nesta categoria pesquisas em que se desenhou modelo teórico-explicativo.

Fonte: Adaptado de Gamboa (1987) e Theóphilo e Martins (2007)

4 RESULTADOS

As características fundamentais da abordagem morfológica foram evidenciadas na tabela 1. No painel A foram elencadas a frequência de sua utilização, posto que as pesquisas não utilizaram apenas uma das características. Já no painel B se mostram tais características por artigo.

Tabela 1 - Abordagem Morfológica – Características Fundamentais

Painel A		
Frequência de Utilização	Quantidade	Presença em %
Exposição	57	48
Causação	82	69
Objetivação	94	80
Total	233	

Painel B		
Distribuição por Artigo	Quantidade	Participação em %
Exposição	3	3
Causação	7	6
Objetivação	22	19
Exposição e Causação	8	7
Exposição e Objetivação	5	4
Objetivação e Causação	26	22
Exposição, Causação e Objetivação	41	35
Sem classificação	6	5
Total	118	100

Observou-se que a característica com menor percentual de uso foi a exposição, denotando carência de maior atenção no detalhamento do objeto de pesquisa estudado. O percentual de uso da causação demonstra satisfatória presença de explicação da relação entre fatos e fenômenos pesquisados, tanto em termos de causalidade explicativa quanto compreensiva. A característica objetivação foi exposta em 80% das pesquisas, indicando a utilização de métodos e técnicas que auxiliam na construção do objeto científico (BRUYNE, HERMAN; SCHOUTHEETE, 1991), possibilitando fortalecimento da base conceitual das pesquisas na área.

Importante frisar que 35% dos artigos pesquisados apresentaram as três características fundamentais, como se almeja que os relatos tenham as características fundamentais para que a abordagem morfológica seja consistente com o objeto de pesquisa, seria desejável, do ponto de vista de consistência epistemológica, que tais atributos estivessem presentes nos relatórios de pesquisa.

Na tabela 2 se podem observar os quadros de análise utilizados nas pesquisas. No painel A vê-se que em 41% das pesquisas analisadas não se identificaram quadros de análise. Embora seja desejável empregar tais recursos na formatação de peça científica sua ausência não indica, necessariamente, má qualidade da pesquisa.

Ademais, 36% dos artigos apresentaram quadro de análise baseado em tipologia como referência para a análise do objeto da pesquisa, significando que apenas 23% da produção analisada foram lastreadas em quadros mais sofisticados e complexos de análise, no caso, pela explicitação de parâmetros mais conceituais e teóricos, como se espera de quadros de análise baseados em sistemas, modelos e estruturas.

O painel B proporcionou informações quanto a quadros de análise dos artigos que formalizaram todas as características fundamentais (exposição, causação e objetivação) sobre o objeto de pesquisa. Importante destacar tipologia como quadro de análise mais associado a trabalhos com as três características fundamentais, colaborando para que o polo morfológico se apresentasse mais consistente.

Isto porque a utilização de quadro de análise mais simples pode ter contribuído para o pleno

atendimento ao exposto em Botelho (2012), que considera o quadro de análise baseado em tipologia, em conjunto com as três características fundamentais, fortalecedor da pesquisa e do seu caráter científico por meio da explicação e da construção do objeto científico.

Tabela 2 - Abordagem Morfológica - Quadros de Análise

Painel A		
Frequência de utilização	Quantidade	Participação em %
Tipologia	43	36
Tipo Ideal	17	14
Sistema	6	5
Estrutura-modelo	4	4
Sem classificação	48	41
Total	118	100

Painel B		
Quadros de Análise	Quantidade	% em relação ao total de artigos
Tipologia	13	32
Tipo Ideal	10	24
Sistema	3	7
Estrutura-modelo	2	5
Sem classificação	13	32
Total	41	100

A tabela 3 evidencia a abordagem metodológica identificada em cada pesquisa da amostra. Observa-se que as abordagens identificadas mais usuais foram as de caráter empírico, que somam 28% da produção; mostra-se ainda que em 20% do universo pesquisado não há informações ou desenho que levem à classificação de abordagem científica, o que conduz à constatação de que tais pesquisas não se revestem de atributos desta ordem epistemológica. Pode-se notar também que 19% dos trabalhos buscaram o alinhamento com uma teoria ou modelo, caracterizando a abordagem positivista.

Indica-se assim que a maioria das pesquisas esteve voltada para simples levantamento de dados ou para estabelecimento de relações entre variáveis com fundamento teórico ou ainda com caráter meramente informativo ou de modelagem técnico-operacional. Ressaltam-se os artigos com atributos conceituais (os restantes 33%) nos quais se buscam alinhamentos teóricos ou associações conceituais, comuns às demais abordagens.

Tabela 3 - Abordagem Metodológica adotada

Tipo	Quantidade	%
Empirista	32	28
Positivista	23	19
Fenomenológica	18	15
Crítico-Dialética	11	9
Sistêmica	6	5
Estruturalista	4	4
Sem Classificação	24	20
Total	118	100

Na tabela 4 cruzaram-se as informações acerca das características fundamentais (painel A) e dos quadros de análise (painel B) com as abordagens metodológicas identificadas. Verificou-se harmonia entre as pesquisas com abordagem empírica, a objetivação e quadros de análise baseados em tipologia. Tal fato não surpreende, tendo em vista que tal abordagem apenas busca evidências, com a racionalidade científica transcendendo a subjetividade, sendo suportada pela descrição da realidade.

Pode-se destacar ainda que as pesquisas com abordagem positivista convergiram, com maior frequência, para o emprego de todas as características fundamentais, também utilizando quadros de análise suportados por tipologias, só que com maior fundamentação teórica, buscando causação e exposição, simultaneamente. Infere-se que pesquisas que utilizam essas abordagens precisam de ferramenta de classificação, tal como a tipologia, para o desenvolvimento de suas análises.

Tabela 4 – Abordagem Metodológica *versus* Abordagem Morfológica (Em %)

Painel A								
Característica Fundamental	Empirista	Positivista	Fenomenológica	Crítico-dialética	Sistêmica	Estruturalista	Sem Classificação	Total
Exposição	0	2	0	0	0	1	0	3
Causação	1	0	2	1	1	0	1	6
Objetivação	13	0	0	0	0	1	5	19
Exposição e Causação	0	1	1	2	2	0	1	7
Exposição e Objetivação	0	2	2	0	0	0	0	4
Causação e Objetivação	8	0	5	1	0	0	8	22
Exposição, Causação e Objetivação	0	14	5	6	2	2	5	34
Sem Classificação	5	0	0	0	0	0	0	5
Total	27	20	15	9	5	4	20	100

Painel B								
Quadro de análise	Empirista	Positivista	Fenomenológica	Crítico-dialética	Sistêmica	Estruturalista	Sem Classificação	Total
Tipologia	19	16	1	0	0	0	0	36
Tipo Ideal	0	4	10	0	0	0	0	14
Sistema	0	0	0	0	5	0	0	5
Modelo e Estruturas	0	0	0	0	0	4	0	4
Sem Classificação	8	0	4	9	0	0	20	41
Total	27	20	15	9	5	4	20	100

As abordagens fenomenológicas e crítico-dialética se assemelham pelo aprofundamento, já que se apoiam igualmente nas três características morfológicas, o que era esperado; contudo, apenas as pesquisas fenomenológicas lançam mão de quadros de análise explícitos baseados em tipo ideal; os de abordagem crítico-dialética, em sua maioria, não explicitaram quadros de análise.

Destaque-se que os artigos que relatam abordagens sistêmicas e estruturalistas, reportam, com coerência, quadros de análise baseados em Sistemas e em Modelos e Estruturas, respectivamente, podendo-se deduzir que tal postura é consciente por parte dos pesquisadores.

Cabe destacar ainda que as dificuldades de se identificar a abordagem metodológica utilizada repercutiram em intensidade similar na identificação do quadro de análise empregado. Ademais, a não utilização de quadro de análise foi mais ampla nas pesquisas com abordagens crítico-dialéticas, o que se coaduna com a postura de tal abordagem em priorizar posturas críticas em suas colocações. Contudo, embora seja desejável empregar quadros de análise em estudos de caráter científico, sua ausência não indica, necessariamente, má qualidade da pesquisa.

Na tabela 5 se demonstra a distribuição de artigos segundo a abordagem metodológica, nas áreas e eventos pesquisados, buscando apresentar confrontações entre tais categorias e as abordagens adotadas pelos pesquisadores específicos de cada área.

Observou-se, quando a temática da pesquisa é voltada para “Ensino”, alvo de 64 % dos artigos, as abordagens empirista e positivista prevalecem (63% das pesquisas neste assunto), levantando a hipótese de que se investiga com preferência a adesão de práticas de ensino a escolas, métodos e comportamentos. Quanto ao assunto “Pesquisa”, as abordagens mais frequentes foram a crítico-dialética e a fenomenológica, as quais respondem com cerca de 40% dos estudos da área. Tal preponderância desses tipos de abordagem dizem respeito ao interesse em se buscar o *devoir* do conhecimento científico em ciências administrativas.

Tabela 5 - Abordagens Metodológicas por Área e Evento

Abordagem	Áreas			Eventos		
	Ensino	Pesquisa	Total	EnEPQ	SEMEAD	Total
Empirista	25	7	32	21	11	32
Positivista	15	1	16	12	4	16
Fenomenológica	8	7	15	9	6	15
Crítico-dialética	2	8	10	9	0	9
Sistêmica	3	2	5	3	3	6
Estruturalista	4	1	5	4	1	5
Sem Classificação	7	10	17	11	6	17
Total	64	36	100	69	31	100

Em relação aos eventos, verificou-se a predominância do empirismo (32%) em relação ao positivismo (16%), e esta abordagem sobressaiu-se no EnEPQ com 12%. Já a abordagem fenomenológica, que propõe a explicação dos fenômenos em sua essência, apresentou maior frequência no EnEPQ (9%) que no SEMEAD (6%). Já a abordagem crítico-dialética foi identificada apenas nos trabalhos apresentados no EnEPQ (9%) e em 17% dos trabalhos não foi possível identificar a abordagem utilizada.

Na tabela 6 se comparam os achados desta pesquisa com anteriores que utilizaram o enfoque da abordagem metodológica para análise. Theóphilo (2004) realizou pesquisa acerca do desenvolvimento da produção científica brasileira em contabilidade considerando o ENANPAD no período de 1998 a 2003; Coelho, Soutes e Martins (2010) analisaram os trabalhos apresentados no ENANPAD, em 2005 e 2006, no eixo temático de Contabilidade para Usuários Externos. Ikuno e Niyama (2015) realizaram levantamento da produção científica em periódicos internacionais sobre o tema Contabilidade Internacional, ressaltando abordagens metodológicas em tais pesquisas. Deste modo, se pode evidenciar comparação temporal e temática sobre este tópico epistemológico.

Tabela 6 - Abordagens metodológicas - Comparação entre estudos (Em %)

Abordagem	Contabilidade e controle gerencial (2004)	Contabilidade para usuários externos (2010)	Contabilidade internacional (2015)	Ensino e Pesquisa (2017)
Empirista	4	51	31	27
Positivista	45	23	35	20
Fenomenológica	3	4	13	15
Crítico-Dialética	0	0	1	9
Sistêmica/Estruturalista	12	3	19	9
Sem Classificação	36	19	1	20
Total	100	100	100	100

A evolução temporal destaca a forte presença das abordagens empirista e positivista, as quais apresentam picos nos momentos intermediários, mas sempre respondendo por 50% ou mais do total das pesquisas examinadas. A abordagem positivista foi predominante em pesquisa contábil, devido a movimento explícito nesse ramo do conhecimento no princípio deste século; contudo, a evidência na área de administração mantém o mesmo padrão.

Destaque-se evolução do número de pesquisas em investigações centradas na busca de explicação de fenômenos e de estruturas, e não apenas em mostrar evidências da realidade, indicando que a busca da explicação dos fatos a partir das suas relações evoluiu no período. Tal inferência se deve à constatação do aumento de trabalhos que utilizaram as abordagens fenomenológica, crítico-dialética e estruturalista/sistêmica, que implicam na crescente aceitação de artigos voltados para relatos de observações vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

O estudo propôs uma análise epistemológica da produção científica sobre ensino e pesquisa em administração, dos trabalhos que foram apresentados no Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ) e nos Seminários em Administração (SEMEAD), tendo em vista o papel de vigilância crítica da epistemologia em relação a conhecimento produzido nas pesquisas sociais.

Em relação à abordagem morfológica, os resultados evidenciam a existência de falhas na estruturação do objeto científico e pouca aproximação dos pesquisadores com o mesmo, tendo em vista que em apenas 35% dos trabalhos analisados foram identificadas as três características fundamentais (exposição, causação e objetivação) que segundo Bruyne, Herman e Schoutheete (1991) são indissociáveis e evidenciam a função da abordagem morfológica na pesquisa, e pela não identificação dos quadros de análise em 41% das pesquisas analisadas.

As abordagens empirista e positivista foram as mais utilizadas, embora os trabalhos analisados não mencionassem o tipo de abordagem metodológica empregada, o enquadramento foi realizado mediante identificação de características manifestas e/ou latentes, conforme mencionado por Theóphilo (2004).

Entende-se que é indispensável estender a discussão epistemológica acerca das pesquisas realizadas na área da Administração, sob o ponto de vista metodológico, a fim de se obter maior consistência, coerência e qualidade nos trabalhos a serem desenvolvidos. Sendo assim, sugere-se a realização de pesquisas futuras que englobem as demais abordagens do modelo quadripolar (epistemológica, teórica e técnica) a fim de se entender a evolução da produção científica na Administração e áreas correlatas.

Ressalta-se que não cabe generalização dos achados da pesquisa, uma vez que se

limitou a dois eventos em um determinado ano, impossibilitando inferências diretas sobre o ensino e pesquisa em administração no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTERO, Carlos Osmar. Tipologias e teoria organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 21, n. 1. p. 31-38. jan./mar. 1981.

_____, CALDAS, Miguel Pinto; WOOD JR, Thomaz. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.147-178, jan./abr. 1999.

BOTELHO, Ducinelli Régis. **Epistemologia da pesquisa em contabilidade internacional: enfoque cultural-reflexivo**. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em Economia, Administração e Contabilidade). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FACE), Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2012.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Encontros científicos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CARDOSO, Ricardo Lopes; MENDONÇA NETO, Octávio Ribeiro de; RICCIO, Edson Luiz; SAKATA, Marici Cristine Gramacho. Pesquisa científica em contabilidade entre 1990 e 2003. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.5, n.2, p. 34-45. abr./jun. 2005.

COELHO, Antônio Carlos, SOUTES, Dione Olesczuk, MARTINS, Gilberto Andrade. Abordagens Metodológicas na área “Contabilidade para Usuários Externos” – EnANPAD: 2005-2006. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Brasília, v. 4, n. 1, art. 2, p. 18-37, jan./abr. 2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GAMBOA, Sílvio Ancizar Sanches. **Epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas**. Campinas, 1987. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1987.

IKUNO, Luciana Miyuki; NIYAMA, Jorge Katsumi. Uma análise epistemológica das pesquisas em contabilidade internacional - um estudo em periódicos internacionais de língua inglesa. **Revista Ambiente Contábil**, Natal, v. 7, n.1, p. 109-131, jan./jun. 2015.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LADRIÈRE, Jean. Prefácio. In: BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Epistemologia da Pesquisa em Administração**, 1994. 110 f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para as ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira ; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOTTA, Fernando Cláudio Prestes. O estruturalismo na teoria das organizações. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 23-41, out./dez. 1970.

_____; VASCONCELOS, Isabella Gouveia de. **Teoria geral da administração**. 3.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SANTOS, Herbert Duarte dos. Da objetividade a objetivação: conceitos, categorias e significados: uma análise da produção estatística no Brasil. **Estatística e Sociedade**, Porto Alegre, n.2, p.97-111, nov. 2012.

THEÓPHILO, Carlos Renato. **Pesquisa em contabilidade no Brasil: uma análise crítico-epistemológica**. 2004. 212 f. Tese (Doutorado em Contabilidade e Atuária), Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. O primeiro estruturalismo: método de pesquisa para as Ciências da Gestão. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.10, n. 2, p. 137-156, abr./jun. 2006.

VIEIRA, Adriane; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Max Weber e a questão do método nas ciências sociais. **Economia & gestão**. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 9-31, jul./dez. 2001.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1991.